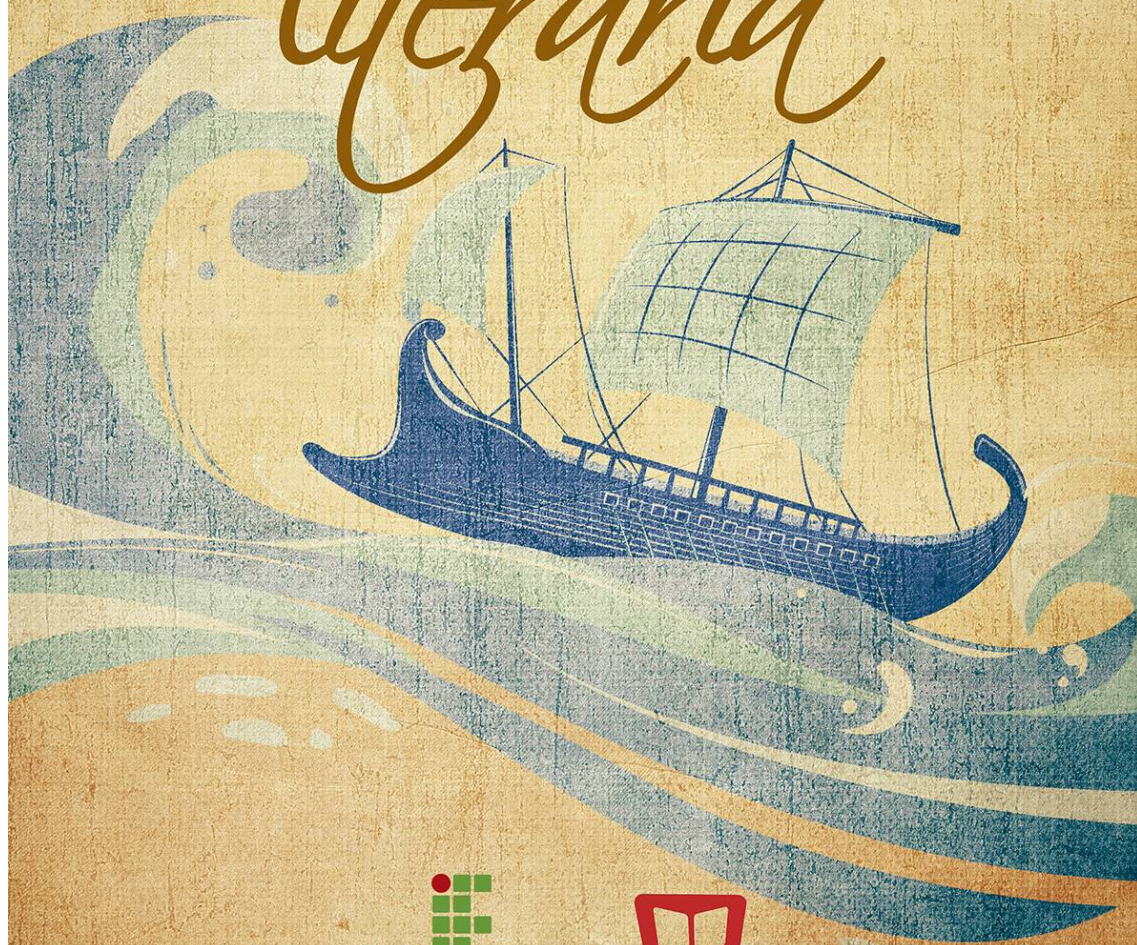


ODISSEIA

Literária



INSTITUTO
FEDERAL
São Paulo
Câmpus
São Paulo



EDITORA
IFSP

ODISSEIA
Literária

N° 3, vol. 2, 2022

EXPEDIENTE – 2022

Editor Gerente

Professor Doutor Carlos Vinicius Veneziani dos Santos (em memória)

Docente do IFSP, Pesquisador do GPLEC – Grupo de Pesquisa em Literatura e Estudos Culturais

Editora de Seção

Professora Doutora Carla Cristina Fernandes Souto

Docente do IFSP, Líder do GPLEC – Grupo de Pesquisa em Literatura e Estudos Culturais

Assistentes de edição

Fernanda Correa Salsman

Discente do IFSP, bolsista no Projeto “Abraça um autor”.

Designer

Alessandro Rossi Lopes

Programador Visual do IFSP

EXPEDIENTE – 2024

Editora Gerente

Professora Doutora Carla Cristina Fernandes Souto

Docente do IFSP, Líder do GPLEC – Grupo de Pesquisa em Literatura e Estudos Culturais

Editores de Seção

Professora Doutora Kelly Mendes Lima e Professor Doutor Rodrigo Silva Trindade

Docentes do IFSP, Pesquisadores do GPLEC – Grupo de Pesquisa em Literatura e Estudos Culturais

ODISSEIA
Literária

N.º 3, vol. 2, 2022

APRESENTAÇÃO

Por Rodrigo Silva Trindade

É com grande alegria que apresentamos a nova edição da Revista *Odisseia Literária*, uma coletânea de sensíveis e inventivos textos produzidos por estudantes do Instituto Federal de São Paulo. Esta edição, marcada pela diversidade de estilos e temáticas, convida o leitor a explorar um caleidoscópio de experiências humanas através da poesia e da prosa de ficção.

Iniciamos a jornada com "Anjo Preto", de Valéria de Cássia Pisauro Lima, um poema de reflexão sobre as contradições da existência e a força poética como resposta ao caos. Thiago Rodrigues de Brito nos oferece o poema "Autocrítica", que dialoga com a introspecção e os limites da criação artística, enquanto Aline Hessel, em "Parapeito", revela a densidade da solidão e a busca por significado no cotidiano. Fechando a seção poética, Andressa Nuss apresenta o poema "Pulsção", um texto que reverbera as inquietações mais profundas da alma.

Em seguida, o conto "Ora Direis Viver da Palavra", de Rudimar Nunes Fraga, nos traz uma narrativa envolvente sobre sonhos, poesia e os desafios de seguir uma vocação. Rachel Marques Vello, em "Carta de Motivação", nos surpreende com uma narrativa inquietante sobre o confronto com as convenções. O conto "Poemas Doces e Poemas Salgados", de Sallié Oliveira, entrelaça família, tradição e poesia em uma narrativa calorosa e cheia de vida. Já em "Infância Roubada", Nicolly Sampaio Fernandes aborda com delicadeza as marcas indeléveis de uma juventude abruptamente interrompida. Para fechar a seção de prosa, Mayara Costa convida a uma reflexão sobre a vida em sua crônica "O lado poético da vida".

ODISSEIA
Literária

Nº 3, vol. 2, 2022

Esta edição também é uma oportunidade para homenagearmos o Professor Doutor Carlos Vinicius Veneziani dos Santos, antigo Editor Gerente da *Odisseia Literária*, que nos deixou no último ano. O Professor Carlos Vinicius foi um pilar fundamental na construção deste projeto, inspirando estudantes e colaboradores com sua paixão pela literatura e dedicação à educação. Seu legado permanece vivo em cada página desta revista e na história que juntos continuamos a construir.

Convidamos vocês, leitores, a mergulharem neste universo literário, deixando-se tocar e inspirar pelas vozes jovens e vibrantes que compõem esta edição. Boa leitura!

ANJO PRETO

Por Valéria de Cássia Pisauro Lima

Quando nasci um anjo preto
Daqueles que vivem na favela
Me deu uma arma e disse:
Sua sina está traçada
Vai levar vida errada
Imperfeição do que existe
Não servirá para nada.
Veio ao mundo pra ser covarde.

No ventre da minha mãe
Percorri ruas, vielas, ladeiras,
Conheci a fome e o frio,
Sem beira nem eira
Olhar cifrado, vida incerta,
Pálido como a lua cheia
Calado feito pedra do rio,
Mais tarde, tornei-me poeta.

Quem sou e quem estou
Colho o tempo sem resposta
Com o azar jogo com a sorte
Versos livres ardem sem fim
Sirvo ao perigo esquecido
De um livro nunca escrito
Vivo várias personagens
Guardo mortes dentro de mim.

AUTOCRÍTICA

Por Thiago Rodrigues de Brito

Análogo, fonético, delirante ou à paisana
Deus dos versos imersos em seu mundo
Poético amante, explana, o poeta vagabundo
O viajante do cosmos, detetive da rede urbana

Anda caótico, mas ouve música Copacabana
É pródigo do sentimento, poeta de Primeiro Mundo
Ama amar a morte para versificar-se moribundo
Dá glórias a sorte pela arte que emana

Destaca a verdade sintonizada na Sua Vontade
Seu universo acata em cada verso um mistério
Amarra suas ansiedades no leitor que o desembarace

Rico é aquele que tudo sente, essência da oportunidade
Pobreza é não extrair das palavras seu puro minério
Afinal, de que valeria tudo ler se nada o tocasse?

PARAPEITO

Por Aline Hessel

espaço vazio se arrasta e preenche
todos os buracos
do meu velho corpo teso,
esquecido pelo tempo.
da boca sôfrega,
veneno-tinto-seco
escorre sem refreio,
suspiro, assaz sustento.
ninguém me toma:
caídos peitos cepos,
a recusa traz à tona
os medos entre os dedos.
e torno ao leito,
o acaso é um suspeito,
que se move pelos becos
à procura de um sujeito.

PULSAÇÃO

Por Andressa Nuss

O olho é uma lua que troca de fases
Um sentido que troca de posição
Profundo instinto visceral aberto
Canal límpido de energia que choca
O espiar salgado do coração.

ORA DIREIS VIVER DA PALAVRA

Por Rudimar Nunes Fraga

Seu pai lhe dizia para viver de outra coisa. Aquela consabida ladainha paterna de desejar e empurrar a todo custo seus rebentos a uma vida melhor. Vida melhor, este desejo paterno, significa numa casa enorme, bom emprego etc. Ou seja, deve ser de plena satisfação material. Fazendo poesia ninguém chegava a nada (tristemente com razão esse velho pai!). Se pelo menos fizesse letras de música, sim, artistas ganham dinheiro e não precisam ter talento, basta ver a dupla sertaneja Beltrano e Sicrano... Ou o cantor Fulano... Vão indo, vão indo e chegam lá. Aparecer em alguns programas de televisão, distribuir jabás aqui e ali, pronto, logo vem o disco de platina e vinte mil pessoas por show, dois ou três por semana. Sonhar é preciso e como os pais sonham para filhos e pelos filhos, meu Deus! E tudo parece dar certo no mundo virtual do sonho genitor.

Matheus... Não era de se deixar levar pela conversa paterna. Queria ser poeta e viver unicamente da palavra poética. Não queria ser jornalista, nem romancista, nem outros “istas” insistia que a palavra sua seria para versejar e fim de papo. Tinha vinte anos e o mundo, ele achava, era dele. Cabelo loiro que usava comprido. Cursava Letras na Universidade Federal do..., Segundanista e bom de notas.

Sua preferência pela poética teve origem em seu primeiro relacionamento amoroso. Apaixonara-se por Priscila, beldade deliciosa na flor nos quinze anos que ainda por cima (na realidade por baixo) usava com frequência (Deus é bom) uma minissaia de jeans, curta, curtiam. Necessário aproximar-se da gata. De personalidade tímida para o contato direto e franco, pela via transversa dos versos procurou chegar ao coração da menina-saia. Passou para Amanda, sua amiga e amiga de Priscila e sua minissaia de jeans o seguinte poema:

*Teus lábios rubros são rumos que me permitas percorrer
Para que o beijo maduro seja colhido ainda na claridade do dia
E no escurecer na noite possam nossos corpos unidos
No toque primeiro sentirem O matiz febril...*

Dedicou a Priscila com carinho. Amanda constrangida entregou o pequeno versinho. Levou um “fora” de dar dó, sem intermediários. Mas não desistiu. Não desistiu da poesia, desistiu de Priscila, mais ainda quando a viu com Pedro do terceiro ano de engenharia, indivíduo bronco e tosco segundo sua amiga Amanda. Por falar nisso, Amanda gostou do que ele tinha escrito. Outras meninas idem. Era romântico e blá, blá, blá. Namorou Amanda. O namoro durou o mesmo tempo de perder a amiga.

ODISSEIA
Literária

Nº 3, vol. 2, 2022

Era-lhe difícil classificar sua poesia. Por certo era prosa moderna, sem dúvidas não era pós-moderna, pois, Matheus gostava que seus escritos tivessem alguma rima ou como dizia que soassem bem aos ouvidos de quem ouvia. Não seriam de forma alguma parecidos com os de Bilac ou Alphonsus de Guimarães, não, não mesmo. Mais para Mário de Andrade, sim é isso, assemelhar-se-ia ao jeito do Mário fazer poemas, contudo com alguma rima.

Um dia após o pai tê-lo repreendido por ter bebido demais e vomitado no tapete da sala, escreveu objetivando o perdão paterno:

*Eu olho a estrada, mas não vejo o caminho.
Me jogo a andar a esmo, na mão uma taça de tinto.
Minha única referência é a embriaguez que me leva, que me conduz, que me induz. Sofregamente sorvo o último gole, o único gole, não há nada a fazer.
A vida me engole, a morte me vomita ao eterno.
Deus não perdoa meu descaminho, mas perdoa, como pai, minha última taça de vinho.*

O tapete continuou vomitado, ficou imprestável. A taça não correspondeu à última. Perdão não teve, a coisa toda caiu no esquecimento. Era um verdadeiro artista, as musas acorriam por meio dos acontecimentos do seu cotidiano ou de fatos que ficava sabendo pela internet, afinal novos tempos, novos meios de saber das coisas.

Pela internet tinha arrumado um amigo no Rio, igualmente apaixonado por literatura, de início achou que era homossexual, estava errado. Logo depois de concluir o curso arribou rumo ao Rio de Janeiro. Antes informou aos pais que eram férias de duas semanas apenas. Seu pai achou estranho, férias de quem não trabalhava hummm... Na realidade tinha um concurso para a Secretaria de Cultura do ensolarado estado do Rio de Janeiro. Ficou lá três meses, estudou muito, pegou sol, praia e passou nas provas. Para desespero da mãe e parcial alívio do pai que afirmou ao saber na novidade:

- Afinal tomou tento. Quanto vai ganhar por mês? Não vou ter de mandar mais dinheiro?

Estava o pobre cinquentão retangularmente equivocados. Se o guri necessitasse de grana a mãe lhe mandaria certamente, ele ficaria sabendo depois e teria que engolir como sempre. Quanto a tomar tento no sentido das aspirações paternas, isso nunca. A poesia era sua vida. Viver financeiramente de poesia era-lhe irrelevante. Sabia que era impossível viver dela, mas reconhecer jamais. Por isso havia arrumado um emprego no serviço público, pensava que lhe sobraria tempo para a criação poética. Neste seu particular amor pela poesia passou por diversas fases, muitas vezes eram concomitantes e entrelaçadas.

Fases românticas recheadas de sexualidade beirando a putaria. Alguns trechos sociais circundados, sem penetração das camadas mais profundas das origens da miséria humana, quiçá temendo não encontrar respostas para solver as mazelas sociais. Religiosidade e misticismo pendendo, em certa ocasião, para o budismo (a garota da hora era adepta). Era um turbilhão de fases sem predominância de nenhuma. Claro que ecologia também era servida aos leitores, com peitinho de frango grelhado, evitando a carne vermelha. Logo ele aficionado do “churras”, agora lentilha, alface e orações pela eterna e sagrada vaca. Neste período místico alucinógeno visitou Machu Pichu. Claro que na condição de “mochileiro”. Deu adeus aos ônibus, às vans e ao trem, fez o caminho inca como deveria. Como faziam os antigos nativos do lugar, foi caminhando, bolhas e dores. Buscou, no limiar dos dois mil e oitocentos metros acima do nível do mar que lhe inspirassem as ancestrais musas quíchuas que tinha certeza habitam aquela sagrada cidade. Dois pacotes de folhas e um cigarrinho do capeta realizaram seu pedido. Dor de cabeça e diarreia veio depois, ambas juntas.

Viracocha virou-lhe o rosto em desagrado. Logo ele, criador de tudo, inspirar um infiel “chapado” e sua mochila fedorenta. Voou dali ao nevado Misti para mascar sossegado umas folhas de coca. Ao diabo esses estrangeiros turistas em busca de energia transcendental, tudo desculpa para viajar e... Viajar. Os conquistadores (destruidores) espanhóis pelo menos fizeram o que, na época, se esperava deles, acabaram com tudo e meteram a igreja cristã em cima. Esse fato, a destruição de toda uma cultura, Viracocha podia entender. Bom, deixemos os deuses do altiplano na paz de sua inexistência.

Ouve-se na montanha esverdeada o tremor das folhas pelo bater d'asas induzido. Lá nessas altas montanhas impera soberano o condor do altiplano, onde outrora Huáscar soberano era.

Na rocha aberta à mão calejada levantou a cidade sagrada em honra aos deuses, ao homem nada. Tudo era em nome deles, da pedra bruta à parede nivelada., Para Viracocha o governo de todas as coisas,

Inti dourava o mundo com seu calor. Pacha Mama sossegava a terra para o fértil plantio. Recebiam em adoração o que proporcionavam em abundância.

Nessa deificada relação, o pedir e o dar eram os fundamentos...

Vejam que droga a droga faz produzir... mais não reproduz para não abandonarem a leitura por aqui mesmo.

Das montanhas andinas às veredas urbanas da zona sul carioca. Nelas passou os seus trinta anos com uma rapidez meteórica. Para os quarenta faltavam mais algumas travessuras. Celeremente

ODISSEIA
literária

Nº 3, vol. 2, 2022

atingiu os “enta”. Seu grande sonho era escrever um poema épico ou qualquer coisa semelhante que perdurasse na memória dos homens. Podia ser algo parecido com “Os Lusíadas”

dos tempos virtuais ou coisa bem menos extensa como “O Corvo” do Edgar. Permaneceu funcionário público. Não progrediu na carreira, lhe faltava à ambição necessária e não tinha a curiosidade inata que alguns servidores possuem de saber qual gosto tem as botas de couro. Para outras carreiras não deitou olhos, contentou-se com a remuneração de nível médio que seu cargo oferecia até a amada aposentadoria, se a morte não o ceifasse antes.

Conseguiu publicar uma dúzia ou pouco mais de suas obras no caderno de cultura patrocinado pela Secretaria em que trabalhava. Nunca se casou. Foram duas ou três aparições no indigitado caderno. Não teve filhos. Outras vezes um jornal de bairro lhe abriu espaço. Publicou também, as suas custas, dois livros contendo seus poemas. Namoradas várias. Foi só. Foi só que morreu no seu apartamento da Tijuca de complicações cardiorrespiratórias, seus restos federam por dois dias. O seu “Lusíada” não logrou êxito, quanto aos corvos, apenas um voou ao “*inferus*” anunciando a sua chegada. Ninguém lá deu à mínima.

O Pai viúvo foi informado e não pranteou o rebento morto. O Alzheimer o dominara. Nenhum mal podia atingir àquele velho senhor de oitenta e dois anos. Inexplicavelmente, de vez em quando, o velhote, para espanto das “cuidadoras”, recitava uma parte estranha de uma desconhecida estrofe de um desconhecido poema:

*A vida me engole, a morte me vomita ao eterno.
Deus não perdoa meu descaminho, mas perdoa, como pai,
minha última taça de vinho.*

Quando isso acontecia as “cuidadoras” se entreolhavam, algumas sorriam um pouco, outras, de leve, sacudiam as toucas cinza que lhes cobriam as cabeças em um dúbio desagravo, porém, logo após, todas, muito profissionais, seguiam com seus afazeres e cuidados, emprego estava difícil naquela época.

CARTA DE MOTIVAÇÃO

Por Rachel Marques Vello

É uma vontade enorme de desistir das coisas, dos projetos, das pessoas, de si próprio. É um impulso de energia que te enche de matéria negra. - Aperta o botão do apocalipse só pra ver se funciona mesmo, diz o capetinha no seu ombro, rindo e chorando ao mesmo tempo. Começa a contagem daquele um minuto para o fim do mundo.

Você sai de casa com o único objetivo de ficar bêbado e ser imprudente. Vai lá, ficar loucão, postar várias fotos no Instagram para mostrar o quão loucão você está, para depois se arrepender no dia seguinte e apagar tudo como se nada tivesse acontecido... qual a graça? De nada adianta se as pessoas não souberem o que estão fazendo...

Na maior naturalidade, você chega em casa torto e sujo. Tropeça no gato. E vai tranquilamente para a cozinha preparar seu miojo da redenção. O suprassumo do fim de role para apreciar com a maior calma do mundo a paisagem de plena destruição em curso porque você decidiu apertar o bendito botão do apocalipse.

Tudo explode, a parede cai em cima da sua cabeça, pessoas gritam. Você pede calma que o miojo demora apenas 3 minutinhos para ficar pronto. Sinta toda a raiva sendo esvaziada do seu corpo, jogue ovo podre no vizinho, quebre o espelho e instaure o caos. Ainda lhe restam 2 minutos. Ligue pro seu chefe e se demita. Rasgue sua prova da faculdade. Raspe o cabelo. Passe supercola na mão e se grude no teto. 1 minuto... Se o mundo acabar agora, não vai ter louça pra lavar. Pensa bem...

Seu despertador liga e você acorda de ressaca. Recebe um e-mail do seu professor reclamando de falta de motivação para entregar os projetos e a sua vida continua seguindo como se nada tivesse acontecido. Toma seu cafézinho e se senta na cadeira para fazer o trabalho como um adulto responsável.

E a carta começa assim:

A quem interessar.

Não me sinto como parte desse mundo e as vezes me questiono se as pessoas realmente entendem o que quero dizer com o que digo. Me fazer entender me soa prepotente demais. Seria essa a maldição do louco que precede o sábio na descoberta de novas teorias? Estou sem orientação, parece que os autoproclamados "mestres professores" não gostam de literatura fantástica e desprezam aqueles que pensam fora

do artigo acadêmico, me pergunto se o ensino perdeu a essência e hoje se comporta como homem de gabinete, ou vlogger, o que é pior.

O ser e o nada empoleirado na minha estante me encara dia e noite me questionando se vale a pena ser inteligente num contexto de espetáculo como esse que vivemos, onde o mais belo e articulado é mais bem visto que o realista e reservado. Em tempos sombrios, vou ficar ao lado do meu amigo Feyerabend e usar licença poética. Meu trabalho é reflexo do meu ser e me apegarei a isso até o fim.

Minha experiência profissional e acadêmica não importam, apenas no quesito "luta contra o falso moralismo de intelectual de lapela" e a isso você não está interessado agora. Segregar e conquistar sempre foi uma regra, não será na Academia que isso será ignorado. Nos jogam num labirinto de paredes na esperança de sairmos vitoriosos, satisfeitos com um título, abanando um simples papel timbrado.

Seu desejo de construir paredes fazem de você uma pessoa emparedada, prisioneiro de si e escravo do outros pela dúvida de não saber quem és. Com o nariz entupido de pó, não sinto nada além de minhas paredes, e com mãos atadas nas correntes que sustentam minha casa, as paredes não se importam e não existe ninguém que possa te ouvir falar, afinal, o trabalho da parede é te separar do que lhe provoca medo. Medo esse que é vendido em todos os lugares em pequenas doses de indiferença e estardalhaço, está em todos os canais, esquinas e bancas.

Peço desculpas pela falta de criatividade, não está sendo fácil. Nem para você acredito. Entendo que a página em branco sempre será uma afronta ao jovem escritor, mas nunca me disseram que o pior é a crescente alienação. "É o novo normal" diz o jornalista na TV e eu choro com a possibilidade de estudar EAD. Eles nem sabem o que é EAD...

POEMAS DOCES E POEMAS SALGADOS

Por Sallié Oliveira

Durante o fim do mundo, minha mãe decidiu vender pamonhas. Venderia coisas outras, cozinhadas em sua cabeça de ideias urgentes, mas começaria por pamonhas. Enquanto suas máscaras, separadas, secavam no varal, vizinhas do caderno de poesia que inundei por descuido, distraído no meio de uma conversa, ela fazia anotações à mesa. Sua letra não se comportava, desacostumada a estar em papel; desobedecia às duas linhas e o pequeno espaço que lhe dava para existir. Em posse de uma caneta preta que pegara emprestado de meu pai, justificando a concessão por “vou resolver coisas que depois te falo”, projetava seu corpo para frente e encarava o celular aceso. Dois anos como proprietária daquela máquina de tudo depois, aprendera a passear pelo virtual precisando me pouco como guia. Meu pai, sem dividir essas paixões instantâneas, murmurara qualquer coisa e voltou a dormir. É também metido a poeta, mas só faz versos na curta janela de tempo em que os remédios fortes não ninam seus olhos, jogando-o na cama por tardes que se emendam umas nas outras para se chamar de vida.

Dona Rosa, futura vendedora de pamonhas, nunca cruzou a barreira da linguagem. Por isso, não há signos linguísticos em suas conversas com os amigos e conhecidos. Nas caixas de mensagem, apenas longos áudios enviados. A extensão nem é sinal de que tem muito a dizer; repete suas observações ou reclamações, faz espécie de cantiga em sua fala. Muitas vezes, quando se cala, percebendo que repetira o refrão demasiadamente, ainda encara a tela suspeitosa. Há algo a ser dito, imagina. Não sabe que é uma angústia procriada pelos ninhos virtuais, onde há, ao que parece, carência de opiniões. Escreve somente o necessário, ocasiões raras. Quando encontra um dos cinco filhos por perto, delega-lhe a tarefa. Diz que falta letras em seus nomes. Realmente falta, mas sobra personalidade. Tem um vocabulário próprio, léxico que mistura as grandes palavras dos patrões que teve e o jargão religioso que frutificou nos últimos trinta anos de sua vida. Em suas frases, o plural e o singular se confundem, meio entusiasmados para sair de sua boca. Refere-se a reis e a leis, mas nós, em contato com sua língua portuguesa singular, sabemos que faz alusão a somente uma lei e a somente um rei.

Passa-me seu grande plano. Contará para as amigas da igreja, senhoras com quem compõe um grupo de louvor que se encontrava às sextas-feiras antes de tudo isso. Fará um bom preço, abaixo do que sabe que se vende pelo bairro. Anuncia o valor escolhido

ODISSEIA
Literária

N.º 3, vol. 2, 2022

para seus contatos na propaganda que começa com desprendimento. É sua vez de pedir ajuda, e põe-se a trabalhar nessa tarefa com a mesma obstinação de quando é aquela que estende as mãos. Quase se exhibe em sua certeza sobre as futuras clientes, sublinhando que farão por ela o que ela fez pelos outros. Dá-me exemplos para se certificar de que estou crente de suas afirmações, mas não é necessário. Sei que chama papel de papel quando olhos acanhados batem à porta.

Na forma esperançosa como engenha o amanhã, diz que usará a garagem. O cômodo mais abandonado da casa não retém automóveis porque nunca ter cruzado a fronteira da palavra lhe impediu de tirar sua carteira de motorista. Aprendeu muito durante as aulas, conseguiu preencher o ditado para provar que não era analfabeta, abençoada pela coincidência ou generosidade de pessoas que escolheram palavras fáceis, conhecidas de suas idas à bíblia. Mas a prova formal, último desafio, desfez sua ambição por passear pela cidade atrás de um volante que pilotaria como criança. Além do tempo se contando quase em voz alta, aterrorizante, as perguntas se embaralhavam em sua cabeça. O português, língua bonita de se usar com os netos em chamadas de vídeo e para cutucar o marido em implicâncias costumeiras, virava esse estranho animal indecifrável.

Não tinha importância, usaria a garagem para seu projeto. Cozinharia pamonhas doces e salgadas e distribuiria pelo bairro. Em pouco tempo, fez bons números. Passou de vinte confirmações, vinculadas a nomes que me repassava para que eu alimentasse as colunas que eu estruturara. Era boa no papo, direta, mas simpática. Insinuava uma promessa de sobremesa, ria durante o diálogo. Eu elogio seu talento para a autopromoção e penso que me ajudaria a me desfazer de meus livros. Poderíamos fazer sociedade, inclusive. Eu escreveria os versos em minha caverna, embebido pelas músicas melancólicas de sempre. Ela bateria à porta e me passaria as encomendas do dia.

Meu filho fez um poema triste hoje, salgadíssimo. Fala sobre inveja. Não gosta de ler sobre inveja? Não tem problema, tem poema doce também. Sobrou um de amor de ontem, mas prometo que está intacto, parece feito na hora. Nós não trabalhamos com prosa por enquanto. Ah, não, ele até escreve, mas não à encomenda, sabe? Ele também faz poemas biográficos. Você me conta sua história, algum fato desses marcantes, e ele usa de inspiração. Sai tanta coisa bonita! Eu sou meio suspeita para falar, prefiro sempre os de amor. Ontem, eu pedi um para dar de aniversário, e ele fez rapidinho.

De me vender assim, avulso, ou com livros completos no colo, minha mãe me parece boa parceira de negócios. Sei que estabelecerá um preço justo por seu duro trabalho, por se utilizar de sua valorosa

rede e por se articular ágil em seus truques. Não mais posta ao fogão, recorrendo à culinária que tanto salvou sua vida e a dos pequenos espalhados pela casa. Despedir-se-ia das horas raspando coco, em pé diante de um fumegante caldeirão cruel que cozinhava cocadas em um tempo impreciso. Agora, era só ler os poemas em seu jeito de gaguejar as palavras e aprovar os que estavam prontos. Seria setor de qualidade, vasculhando as estrofes na guia dos que metem garfos precipitados em panelas quentes.

Poesia é documento, Dona Rosa definiu esses dias. Diz que tudo o que se lê vindo de um poeta é realidade, fato acontecido. Tinha certeza disso, respondeu quando questionei essa convicção. Esse era o legal da coisa, o bacana, explicou. Ler e acreditar, a fé dos apaixonados. Por pensar assim, confessou olhos brilhando quando recebeu cartões de meu pai com poemas dramáticos quando se conheceram. Guarda-os até hoje, zelosa de seus pertences afetuosos. Mostra-me às vezes, gaba-se da corte feita pelo pernambucano que a encontrou, também pernambucana, distraída pelas ruas de São Paulo. Acredita que me disse isso? Depois sorri, poderosa, lembrando-se de seu charme. Ser jovem e ser matéria de poesia, musa de poeta sem patrono, assalariado de uma fábrica no centro da cidade. Os cartões eram a prova da inspiração, jamais permitiriam que se esquecesse do fato.

Fabulações desfeitas porque me aperta o braço, volto às pamonhas de minha mãe. Traz-me novos nomes para marcarmos no caderno. Estes novos pagarão um pouco depois, explica. Mas não se perturba em fiar aos nomes evocados: Blanche sem tantos transtornos, sempre dependeu da bondade dos conhecidos. Não me intrometo, balanço a cabeça, querendo muito acreditar em tudo o que acredita. Esforço-me para escrever em uma cursiva que entenda sem auxílio. Empresto minhas mãos ao trabalho, sabendo que não contaremos com meus poemas durante o fim do mundo. Os dedos treinados pela escola abandonada pela cozinheira farão sobremesas. Poemas doces e salgados esperam.

INFÂNCIA ROUBADA

Por Nicolly Sampaio Fernandes

Já tardava as 13h quando Thomas decidiu sair de sua casa. Tecnicamente ainda estava em seu horário, então não se incomodou, apesar de preferir a pontualidade. O sol brilhava radiante no céu sem nuvens. A claridade atrapalhava o que restava da péssima visão de Thomas, que apertava os olhos a fim de acostumar-se com o meio externo novamente.

O velho caminhou preguiçosamente até à praça. Era de costume dar as caras por lá todos os dias, nesse mesmo horário, e os moradores e usuários do local já tinham consciência desse hábito. Tanto tinham que ninguém sequer ousava sentar-se no banco cujo Thomas se sentava todos os dias. Talvez não houvesse motivo para tanta cautela se Thomas não andasse carrancudo para onde quer que fosse. Era como se demonstrasse infelicidade e insatisfação quanto à própria vida, sempre reclamando e xingando por ocasiões banais e corriqueiras.

Ao sentar-se em seu banco, Thomas logo caiu num cochilo profundo. Mesmo com a luz solar queimando suas pálpebras. Era bom. Mesmo fora de casa, nada o incomodava, e ele podia descansar em paz. Bom, "paz"...

Foi tirado de seu sono quando sentiu algo bater em suas pernas. Acordou sobressaltado, pronto para berrar com quem quer que o tivesse atrapalhado. Ao olhar para baixo, porém, notou que o que lhe atingiu foi apenas uma bola, pequena e colorida. Thomas a pegou e examinou por um instante, encarando-a com desprezo até se tocar do quão idiota é implicar com um brinquedo de...

- Ei, tio!

O velho deu um pulo para o lado e procurou quem o chamara. Parou o olhar numa garotinha parada ao seu lado, aparentando ter uns 7 anos. A mesma tinha seus cabelos loiros, presos numa trança bagunçada, já cheia de fios soltos e frisados.

- Essa bola é minha! - disse por fim com dificuldades em sua dicção.

- Ah é? - perguntou Thomas - Pois ela acertou meu pé, então acho que deveria ficar com ela. Eu não tenho uma, sabe?

- Mas isso não te dá o direito. Se quer uma, vá comprar!

- Ora, garota malcriada! Tome sua bola e suma daqui!

Thomas jogou o brinquedo para longe e sorriu maliciosamente para a garota, que, por sua vez, emburrou-se e correu para buscar a bola. O velho a encarou com arrogância e voltou a recostar sua cabeça para

tentar cochilar mais um pouco. Sua tranquilidade, porém, foi interrompida novamente.

- Tio!

Thomas abriu os olhos e lá estava ela: a garotinha loira, parada ao seu lado desta vez com a bola colorida em suas mãos.

- Você de novo?! O que você quer, garota?! - resmungou Thomas.

- Vim te chamar para brincar! Disse que não tinha uma bola, então pode brincar com a minha, mas tem que dividir!

- Garota, eu sou velho, não brinco de bola!

- Se não brinca de bola, brinca do que?

- De nada, menina, eu sou velho, velhos não brincam!

- O que velhos fazem então?

Thomas passou a mão pelo rosto e respirou fundo. A menina, por sua vez, o estudava cautelosamente, com as sobrancelhas levemente cerradas e uma expressão confusa no rosto.

- Se você fosse como eu, gostaria de brincar ou ainda seria velho? - perguntou enfim.

A pergunta surpreendeu Thomas ainda mais. O velho calou-se por um instante e analisou a situação. Desde criança, nunca ninguém o convidou para brincar. Sempre que estava na rua, era a trabalho, e por sua aparência miserável era facilmente ignorado por todos, o que não é muito diferente nos dias atuais.

- Tio? - a menina chama.

- O que você quer, criatura? - gritou o velho, sem recordar a pergunta. - Que resposta minha pergunta, ué!

Thomas estava ficando de saco cheio da criança e lhe custava não berrar para que a mesma fosse embora logo.

- Você nunca brincou de nada?

- Não - o velho respondeu, seco.

- Por quê?

- Por que não, menina!

- Você nunca foi criança?

As perguntas eram inocentes e sinceras. A garota estava curiosa, enquanto Thomas insistia em sua ignorância habitual. Até lembrar-se novamente de sua infância com a última pergunta...

- Sim, garota, eu já fui criança! - desistiu e disse, num suspiro.
- E nunca brincou? - indagou a pequena, para logo em seguida responder a si mesma - Está explicado por que é tão rabugento!
- Não sou rabugento!
- Nunca pensou em brincar? Isso anima!
- Já falei eu sou...
- Velho, já entendi! - interrompeu a menina.

Thomas bufou e revirou os olhos. A menina olhou para a bola que permanecia em suas mãos, pensativa por um instante e então deu um pulo, como se tivesse uma brilhante ideia. Em seguida, agarrou na mão do velho e o puxou para que ficasse de pé.

- O que você quer agora? - indagou Thomas.
- Venha cá, tive uma ideia!

Thomas tentou manter-se sentado, porém a insistência da pequena foi mais forte, e logo o velho estava de pé.

- Ótimo, fique aqui! - a garota disse e então afastou-se alguns passos de Thomas - Eu vou jogar a bola para você e você vai jogar para mim, está bem?

- Garota, pelo amor de Deus, eu já falei um milhão de vezes!
- Psiu, apenas jogue a bola!

Thomas calou-se ao mesmo tempo que se repreendeu por receber ordens de uma criança. Em seguida, a pequena jogou a bola para o velho, que a pegou facilmente. Era leve e fazia um barulho seco em contato com a palma das mãos.

- Isso! Agora joga para mim! - gritou a loirinha.

Assim Thomas o fez. A loira pegou a bola e jogou-a para o velho novamente, e ambos ficaram nessa brincadeira por um bom tempo. Thomas logo começava a rir e divertir-se, sem sequer notar isso. Ele jogava a bola para diferentes direções, fazendo a garota ir buscá-la, correndo de um lado para o outro.

Os que passavam ao redor encaravam os dois de forma crítica. Uns enxergavam malícia, outros ficavam surpresos, perguntando-se se aquele era mesmo o velho carrancudo que visitava a praça todos os dias. Mas a dupla sequer se importava com isso. Estavam divertindo-se, Thomas como nunca havia se divertido na vida.

Já era tarde quando ambos se sentaram no banco para descansar. Thomas exibia um sorriso discreto no rosto, tal que ele sequer havia percebido realmente. Naquele momento, a praça estava quase vazia. O

céu escurecia lentamente, dando visão às poucas estrelas do fim da tarde. O velho então, estranhamente, pensou na menina e no porquê de ela estar ali na praça sozinha.

Nesse momento, olhou para o lado, para onde a garota deveria estar. Porém, ali, nada encontrou. No banco encontrava-se apenas ele, sem criança ou bola colorida para lhe fazer companhia. Estava sozinho, de novo.

Sentiu seu corpo subitamente cansado e então relaxou no banco novamente. Sua respiração pesava. Porém, um sorriso se fez. Ao menos uma única vez, ele pôde sentir-se livre e feliz de verdade. Mesmo que num único e solitário momento.

Seus olhos se fecharam totalmente, com serenidade. Ele estava sorrindo, era gratificante a sensação que se estabelecera em seu peito... depois disso, seus olhos não mais voltariam a abrir. Já seus lábios, jamais deixariam de sorrir.

O LADO POÉTICO DA VIDA

Por Mayara Costa

A vida é engraçada. É uma mistura de todos os gêneros literários, tais como: suspense, romance, comédia, drama, e por que não um pouco de fantasia? A vida é aquela onda do mar que dá um “caldo” na gente. Ela é aquela risada fininha de escárnio que sobe pela garganta, mesmo que sem querer, ao ver alguém escorregando. É uma gota de lágrima quase imperceptível descendo por um rosto anônimo ao dizer adeus. Ela é confusa, vai e vem, coloca os pingos nos “is” quando menos se espera, até porque sua intenção é exatamente essa: gerar espanto. Deixa aquela dúvida no ar que podemos odiar guardar ou odiar amar, mas sempre dá um jeito de provar que a terra não é plana ao dar seus giros mais que redondos, conturbados.

A vida é esperta. Sabe recitar nossas falas de cor e salteado. Está em todas as coisas mais lindas do universo, desde numa pétala que não vive mais até na imensidade inerente ao oceano. Não tem deslizes quando o assunto é chegar de mansinho. Nos assusta sem dó. É dona do tempo. A vida nos apresenta mais de uma oportunidade e um caminho com desafios, senta em sua poltrona enquanto saboreia sua pipoca e aguarda a nossa tentativa de encontrar qual deles realmente foi feito milimetricamente para nós. Quer que aprendamos sozinhos, mas mal sabe o quanto nos ensina. Não podemos tocar na vida, mas a forma como ela nos toca nos faz clamar por justiça. Dizem que a vida não é justa.

A vida é inconstante. É como se todos estivéssemos em um barco individual no meio do mar e após enfrentarmos a sua revolta, nos encontrássemos mais tarde, ou também não, mas caso sim, cada ser seguindo para seu respectivo destino, melhor ou pior, mais perto ou mais longe, vivendo seu permanente devir. E na posição sobre a qual o barco se encontraria, destruído ou intacto, ali estaria a vida, agindo em silêncio à sua maneira.

A vida é ainda uma diversidade de coisas. E a poesia se derrama e jaz em todas as suas entrelinhas. Nas mais puras, dentre os corações que são como crianças: não compreendem finais. E também nas mesquinhas: apenas ignoram, literalmente, tristes e superficiais.